

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

FREDERICO ALVES FERREIRA

MEMORIAL

Trajetória de escrita de SUJEITOS REJEITOS

Ensaio jornalístico

Mariana

2021

FREDERICO ALVES FERREIRA

MEMORIAL

Trajétória de escrita de SUJEITOS REJEITOS

Ensaio jornalísticos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor Pós Doutor José Benedito Donadon.

Mariana

2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F383s Ferreira, Frederico Alves .
Sujeitos rejeitos [manuscrito]: ensaios jornalísticos. / Frederico Alves
Ferreira. - 2021.
68 f.: il.: color..

Orientador: Prof. Dr. José Benedito Donadon.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Língua portuguesa - Palavras e expressões . 2. Mídia social. 3.
Minas e recursos minerais . 4. Sujeito (Filosofia). 5. Trabalho. I. Donadon,
José Benedito. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.4(815.1)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário ICSA/CRB6a-1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Frederico Alves Ferreira

Sujeitos Rejeitos - ensaios jornalísticos

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 28 de setembro de 2021

Membros da banca

Dr José Benedito Donadon Leal - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr André Quiroga Sandi - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Jornalista Thiago Caldeira da Silva - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dr. José Benedito Donadon Leal, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/10/2021



Documento assinado eletronicamente por **Jose Benedito Donadon Leal, DIRETOR(A) DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**, em 01/10/2021, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0227737** e o código CRC **6556E856**.

“A todos que, conscientes ou não, buscam a verdade! Aos que duvidam do que contam, argumentam e observam para entenderem. A beleza de um ser está em sua verdade!”

(Adaptado de Edith Stein. Néstor Canclini. provérbio Mongol.)

AGRADECIMENTOS

A Jesus, Espírito Santo de Deus meu orientador e amigo sempre, escudo que me acompanha e me guia em fé.

Às minhas filhas, por me inspirar a seguir em frente. A toda minha família e colegas.

Aos professores TODOS no decorrer da minha vida, contribuíram todos, MUITO OBRIGADO pela orientação.

A todos os trabalhadores (uni-vos), todas as pessoas, mesmos os sujeitos silenciosos que de alguma forma contribuíram para a conclusão deste objetivo.

Saber 'sentir o outro' é o mais importante dos Sentidos dos seres vivos.
O 'Tudo', 'nunca' foi dito.
"A mudança que queremos talvez esteja na atitude que não tomamos". (Mario Quintana)
"Quem procura a verdade, consciente ou não, procura Deus".
Santa Teresa Benedita da Cruz

RESUMO

Este TCC (um livro de ensaios e este memorial) apresenta relações de trabalho específico em locais e tempos de pessoas em um condicionamento mineiro, de minas, dos 'mineirais', minerais em que os trabalhadores são comparáveis aos rejeitos que acondicionam em uma barragem. Nessa narrativa, a construção de sujeito trabalhador de mineração é um processo de apagamento do sujeito trabalhador, para fazer surgir uma força de trabalho sob uniforme, equipamentos de EPI (Equipamento de Proteção Individual) e atrás de crachá. Demonstro neste livro de ensaios a invisibilidade dos trabalhadores no contexto midiático, após a tragédia da barragem de Fundão. É uma reflexão jornalística que objetiva demonstrar fatos presentes e passados, ligar indivíduos ao acontecimento, ao meio, à comunicação social. É uma proposta de construção de informação transformadora, em uma cultura de ocultação de informações. Mesmo com limitações de circulação, resultante de imposições do isolamento social imposto pela pandemia de coronavírus, buscou-se fazer ecoar as vozes de sujeitos ativos presentes na lide mineradora, especialmente daqueles que foram afetados pelas consequências da interrupção de atividades depois do rompimento da Barragem de Fundão, em Bento Rodrigues, Distrito de Mariana, Minas Gerais, em 5 de novembro de 2015.

Palavras chave: sujeito, mineiro, acontecimento, trabalho, minas, palavras, mídia.

SUMMARY

This TCC (a book of essays and this memorial) presents specific working relationships in places and times of people in a mining, mine, 'minerals' conditioning, minerals in which workers are comparable to the tailings that condition in a dam. In this narrative, the construction of the mining worker subject is a process of erasing the worker subject, in order to bring out a workforce under uniform, PPE (Personal Protective Equipment) equipment and behind a badge. In this book of essays, I demonstrate the invisibility of workers in the media context, after the tragedy of the Fundão dam. It is a journalistic reflection that aims to demonstrate past and present facts, connecting individuals to the event, to the environment, to social communication. It is a proposal to construct transformative information, in a culture of hiding information. Even with circulation limitations, resulting from the impositions of social isolation imposed by the coronavirus pandemic, an attempt was made to echo the voices of active subjects present in the mining sector, especially those who were affected by the consequences of the interruption of activities after the rupture of the Dam of Fundão, in Bento Rodrigues, District of Mariana, Minas Gerais, on November 5, 2015.

Keywords: subject, miner, event, work, mine, words, media.

ÍNDICE

1 INTRODUÇÃO	10
2 MEMORIAL	13
3 REFERÊNCIAS	27
4 APÊNDICES	29

INTRODUÇÃO

O desafio deste trabalho é o de construir uma reflexão jornalística a respeito do trabalhador de mineração. Não é a mineração em si o foco desta pesquisa, mas aquele sujeito que a torna real, desempenhando tarefas rigorosamente controladas por turnos, jornadas, pontos de saída e de chegada, metas a serem cumpridas e protocolos de ações. Sob a manta legal de proteger o trabalhador, as empresas buscam formas legais que as protejam de terem que arcar com custos de indenizações. Assim descobrimos os Sujeitos Rejeitos nos meios silenciosos na extração mineira-social. Demonstro, portanto, neste livro de ensaios a invisibilidade dos trabalhadores no contexto midiático, após a tragédia da barragem de Fundão em 5 de novembro de 2015.

Cabe uma advertência inicial: as vozes constantes deste trabalho ou são de pronunciamentos públicos, jurídicos ou jornalísticos, ou de pessoas que autorizaram a utilização de suas vozes neste trabalho acadêmico, conforme preveem os preceitos éticos do jornalismo.

Esta reflexão, meio reportagem, meio monografia, escreve-se desde o rompimento da barragem de Fundão, em Bento Rodrigues, Distrito de Mariana. Esse rompimento me chega filtrado pelo trabalho jornalístico, mas instaura o sujeito trabalhador de mineração que fui até meu ingresso no curso de Jornalismo da UFOP. Daí, na minha percepção, não era apenas a de um desastre numa barragem de rejeitos, mas a de vidas de trabalhadores, sujeitos como eu da mineração, que foram rompidas e atiradas na lama.

Desde as primeiras disciplinas no curso, os primeiros trabalhos no ICSA (Instituto de Ciências Sociais Aplicadas), para graduação em jornalismo, foram desenvolvidos consciente ou inconscientemente, como construção da dinâmica construtiva deste texto. Durante todo meu percurso nas disciplinas que cursei, foquei na cobertura jornalística que testemunhei, em torno dos atingidos da comunidade próxima, detalhadamente na comunicação, envolvendo os trabalhadores de barragem na mineração, especialmente os trabalhadores atingidos, também os moradores do distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, localizado cinco quilômetros a leste do pé da barragem que se rompeu.

Os acontecimentos que se sucedem ao rompimento da barragem de Fundão, em 05 de novembro de 2015, provocam o processo de construção desta reflexão que requereu muita determinação, responsabilidade e certeza de busca das verdades dos fatos; afinal ela estava

sendo desenhada pelos preceitos do jornalismo. Estão concomitantemente ligados ao fato de este livro não ser escrito como deveria ser, digamos em uma literatura poética, ou clássica, tipo um romance, aqui eu busco características básicas, próprias opções que fundamentam a profissão, que está no aprendizado obtido no jornalismo. Agreguei muito à minha vontade e minha obstinação por justiça social que sempre tive, luta por igualdade social em todos os sentidos, desejo de proporcionar a comunicação social e dar voz às minorias, reconhecer e valorizar esses sujeitos sociais vitimados pela mineração. Junta-se a isso a vontade de escrever um livro-reportagem:

Optar pelo livro-reportagem como projeto experimental de conclusão de curso é uma forma de apresentar ao estudante de jornalismo a possibilidade de convergência entre a linguagem jornalística e a literária, despertar nele a consciência de seu papel como agente social capaz de observar os acontecimentos e interpretá-los de forma a ampliar os conhecimentos de seus leitores sem precisar reduzir as discussões aos poucos caracteres da notícia. (Bezerra, 2013, pág. 5)

O objetivo principal deste trabalho transpassa estes fatores acima e, citando Nilson Lage, acrescento que:

O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser o ouvido e olho remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante. Essa função é exatamente a definida como a de agente inteligente. (Lage, 2011, pág. 23)

Procuo com isso demonstrar a intenção neste trabalho de transmitir o que é de interesse público. Fazer ser o jornalismo uma representação delegada para o leitor, ouvinte, espectador colocado em evidência, colocar a função do jornalismo a favor dele. Estar a favor sempre como nesse caso do Bento Rodrigues, dos atingidos, que são alijados dos seus direitos humanos, suas vidas em troca do capitalismo impositivo dominador, diante da imensa vulnerabilidade social a que foram lançados, discriminação social aumentada devido ao rompimento da barragem de uma empresa. Busco dar voz aos trabalhadores, levando informação que contribua para unificação, conclusão de que há necessidade de consenso no debate em torno de todos que foram atingidos por essa “bomba” de lama que inundou de caos mais que uma comunidade. Através da Comunicação Social, papel do jornalismo, há fatos neste caso que não chegaram ao conhecimento da sociedade externa. Muito do que foi noticiado tinha como objetivo a criação de uma cortina que encobrisse as dos atingidos e dos trabalhadores que perderam seu local de emprego. Para isso é preciso primeiro conhecer, reconhecer estes sujeitos componentes de uma nação.

Márcio Seligmann-Silva (2010) acrescenta importante leitura para colocar a necessidade do testemunho dos trabalhadores, componente essencial para definição e aproximação de afetos

entre esses sujeitos, buscados no trabalho de comunicação social. No seu trabalho “O Local do Testemunho” defende na segunda parte que “estuda-se a relação do testemunho com as modalidades de escrita do Eu, com ênfase nos conceitos de diário e autobiografia”. “E o significado do político do testemunho (também valorizado no trabalho), como instrumento de construção de uma memória contra o esquecimento de um “trabalho de memória” com relação aos traumas sociais”. (Seligmann-Silva, 2010, pág. 1) Ainda como busquei trabalhar a ideia de testemunho:

“(…) entender o testemunho na sua complexidade enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles relacionam-se também de modo conflituoso. O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível entre o “real” e o simbólico, entre o “passado” e o “presente”.” (Seligmann-Silva, 2010, pág. 5)

É um trabalho de coleta de testemunhos de trabalhadores atingidos com a intenção construtiva do jornalismo, visando preencher lacunas na comunicação social. As entrevistas em forma de “dialogias na produção jornalística, onde o profissional contribui para mostrar uma visão polissêmica da realidade”. Busquei com isso “uma comunicação não convencional, mais democrática e relacional”. (Maia, 2006, págs. 3 e 4). Principalmente entorno dos trabalhadores atingidos mais diretamente na mineração e nas comunidades próximas ao local da barragem. Angulações propostas com interatividade entre os sujeitos partícipes são fundamentais para uma composição total da veracidade dos fatos, levando informações além das vozes institucionalizadas que predominam no universo cultural que envolve o cenário dos acontecimentos. O jornalista é um “construtor de significados” como descreve Cremilda Medina (2003, pág. 74), e como construção de sentidos, “penso aqui na contribuição para a circulação de informações e quais mecanismos jornalísticos para essa produção.” (Maia, 2006, pág. 2).

MEMORIAL

Às vezes penso que um memorial deveria existir para relatar uma performance específica, mas este começou a ser escrito desde meu ingresso no curso de jornalismo da UFOP. Iniciei no segundo semestre de 2015 e, como escrevi no livro *Sujeitos Rejeitos – ensaios jornalísticos*, passei pela barragem de Fundão no dia 04 de novembro, um dia antes do rompimento que levou à tragédia que chocou o Brasil. Vim, voltei para a cidade em que nasci em busca de recomeço de vida, educacional, profissional, pessoal, emocional, pois estava rompendo um relacionamento afetivo. Daí começou no dia seguinte a sina de escrever de jornalista que tento ser, bem mais próximo de mim do que eu podia imaginar. Dentro do fato é onde estou agora, mais do que no início imerso na lama, rodopiando na cidade, um mundo hostil por vezes, amável, outras tantas, totalmente afetado, carente, mas que prossegue, e precisamos evoluir em comunicação, educação, sociabilidade, desenvolvimento econômico, trabalho, na vida.

Por que ensaio? Dizem os dicionários que ensaio é um gênero literário caracterizado principalmente pela proposta e pela defesa de um ponto de vista pessoal e subjetivo sobre um determinado tópico que pode focar diversas áreas, sem ser amparado em algum quadro teórico, mas na própria vontade de querer comunicar ou expressar a própria opinião. Dessa forma, tornou-se o gênero adequado, depois que o Brasil mergulhou na pandemia de coronavírus, para a proposição do trabalho a ser apresentado como produto jornalístico para fins de conclusão do Curso de Jornalismo da UFOP. A proposta inicial era de realização de livro reportagem, mas esta foi frustrada pela impossibilidade de continuidade de realização de entrevistas e encontros com pessoas. Para real aproveitamento do material que já havia coletado, fiz a adequação textual para que o produto fosse um livro de ensaios jornalísticos, já que ele conta com aporte factual.

Um Memorial sim eu preciso escrever porque desde muito tempo sonho escrever um livro. Não sabia que seria um livro de ensaios jornalísticos, jamais sobre o meu trabalho profissional. Consolidando outro sonho que tive ainda criança de trabalhar na mineração, mais precisamente meu sonho era trabalhar na CVRD, Companhia Vale do Rio Doce (Atualmente VALE). Sonho não tão sonhado assim, mas uma realidade de “uma vida” que se impôs a meus próprios anseios de vida, que não consegui compreender, porque foram obscurecidos, nem sei

dizer exatamente se, pela necessidade de trabalhar. Sonho que se não fosse trabalhar eu não sei qual seria, até hoje aos 43 anos de idade meu sonho é trabalhar. Atrás do meu sonho que é sonho mesmo, e ao mesmo tempo deixa de ser, ao ser questionado, jornalista. Parece estranho, mas explicável, porque significa para mim o sonho que se encontra com a realidade, de uma forma convicta, plena, eficiente, considerando as possibilidades de escolhas de vidas. Então rumando à Mariana quarta, dia quatro do mês onze, passei por um sonho que não deixa de ser meu, a barragem viva, quinta, dia cinco já iniciava, sem eu querer jamais, nem saber, graduação na UFOP, escrever um livro jornalístico: acabara de acontecer um crime da empresa em que eu queria trabalhar, de onde me refutaram por três anos, e eu ainda acreditava nela. Outro sonho agora é escrever sobre o que aprendi na academia, conectando minha vida, que não é tanto pessoal, é coletiva.

Inicialmente, pensei no formato de um livro-reportagem (mas virou livro de ensaios) que busco eu destaque que há uma intimidade com o fato que é descrito por parte do jornalista que fica caracterizado:

“Significa que o autor escreve sobre um tema porque há um motivo individual muito forte que o impele a fazer isso, de caráter emocional ou intelectual, ou ambos. O instrumento que o autor tem em mãos para contar e pensar uma experiência de vida importante, sua ou dos outros, é a escrita. Por isso, conta e filosofa a respeito, procura entender.” (Lima, 2009, pág. 431)

Assim a narrativa buscou em forma de ensaio pessoal, já que considero imerso nessa barragem desde o início de sua construção. Quando criança, eu tive a oportunidade de conhecer a mina de Fábrica Nova, vizinha ao local onde ocorreu o rompimento. Roberto que é vizinho de rua possuía um caminhão desses basculantes, era vermelho. Na época a mina fornecia bauxita, que servia para alimentar a produção de alumínio da Alumínio Canadense do Brasil ALCAN (hoje Hindalco), em Saramenha, bairro de Ouro Preto. Com quinze anos iniciei minha vida profissional no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) em Itabira, a estrada MG129 era toda de terra ainda, essa mesma “poeira” de rejeitos que a barragem “exalava”. Então, a composição do livro apresenta um pouco de minha autobiografia é que serve de sustentação à literatura pretendida, porque minha construção como sujeito trabalhador atende à necessidade comunicacional de esclarecimento de questões técnicas inerentes aos fatos, que dizem respeito à Mineração, minha área técnica de trabalho. A mineração preencheu a carreira anterior à de jornalista; dos quinze aos dias atuais sou profissional da mineração. Parte da narrativa compõe então um pouco de ensaio pessoal, mais além de que “o foco reside muito

mais na experiência pessoal do protagonista, e menos na contextualização pessoal do período que viveu” (Lima, 2009, pág. 431), porque a contextualização se dá utilizando as experiências de vida do trabalho, para compreender as intervenções na liberdade de comunicação dos trabalhadores na mineração, dentro e fora do ambiente de trabalho, analisando o viés da empresa, do Ministério Público, dos órgãos fiscalizadores.

Adentrando às Teorias do jornalismo nesse aspecto me remeteram à Vera França em “O Acontecimento a Mídia”, acrescentando muito ao trabalho, durante o segundo período na disciplina Teorias do Jornalismo o “acontecimento”, como o rompimento da barragem, e a busca por dar visibilidade aos sujeitos passam pelo texto.

(...) um acontecimento acontece a alguém; ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade. O acontecimento o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece. Uma ocorrência que não nos afeta não se torna um acontecimento no domínio da nossa vida. É simples fato, do qual até podemos tomar conhecimento, mas pelo qual não somos tocados. Este primeiro aspecto nos permite uma conclusão importante: os acontecimentos se inserem em nossa experiência, na experiência humana, no âmbito de nossa vivência. (França, 2012, pág. 13).

Agora no andamento do trabalho de conclusão de curso retomando essas leituras fortaleceram o sentido da necessidade de produção.

(...) o acontecimento é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; ele quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente. Ele penetra sem aviso prévio, e gera um impasse. O desdobramento se vê comprometido. O acontecimento gera uma interrogação. (França, 2012, pág. 13).

Esse trabalho de livro reportagem na comunicação social pretende então narrar este acontecimento, rompimento da barragem de rejeitos, pelos trabalhadores, que aqui são tratados, “como rejeitos”. E essa demonstração livro-reportagem pode aprofundar a opinião dos trabalhadores, que são protagonistas diretos da construção de toda essa barragem, que é uma barragem social, de vidas, de horas vendidas. Precisa ser demonstrada à sociedade, que os compositores desse acúmulo uma barragem social refletida atualmente com todas as crises que presenciamos, nas comunidades atingidas ao longo do lastro deixado pelo mar de lama. Uma descarga, provocada pelos rejeitos sociais que vivemos, somos todos nós, atingidos à margem de uma justiça dominada pela elite, que inclui os altos empresários, responsáveis por contaminarem a sociedade com os rejeitos. O jornalismo deve esclarecer os fatos.

(...) o acontecimento suscita sentidos, faz pensar, incita à busca de respostas e alternativas. Ele alarga o leque do possível – e descortina (ainda que por pequenas brechas) o horizonte do que não havia ainda sido pensado. Por isto, nos diz Quéré (2005), o acontecimento convoca passado e futuro. Faz-nos olhar para trás, olhar diferentemente para trás, e indagar: onde ele estava anunciado e não foi percebido? De onde ele vem, e que causas vieram a provocá-lo? (QUÉRÉ, 2005, p. 62-63). Nessa perspectiva, o acontecimento é instância de conhecimento – ele faz pensar, ele intriga, ele promove buscas e investigações. O acontecimento é dotado de um poder hermenêutico; é suscitar de conhecimento. É capaz, inclusive, de modificar o passado; desvelar o não visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas. (França, 2012, pág. 13).

Meu testemunho segue no texto na narrativa que procuro aproximar os sujeitos trabalhadores, dos interessados leitores. Durante a disciplina Pesquisa em Comunicação no quarto período com a Professora Doutora Michele Tavares, desenvolvi conceitos com a bibliografia adquirida para cumprimento do semestre letivo. Segue:

“A busca da verdade torna-se parte da exposição da verdade obtida (e necessariamente) incompleta (GINZBURG, 2007, p. 25). Isso só se dá na medida em que se deixam rastros e que qualquer obstáculo, sob a forma de lacunas e distorções, deve se tornar parte – em vez de ser apagado – do relato” (Peres, 2017, pág. 5).

Assimilando essa ideia dentro do meu trabalho estendo ao trabalho de Ana Cláudia Peres.

“Com base na literatura do testemunho, propõe uma reflexão sobre o movimento possível entre viver a experiência e narrá-la, trazendo para o jornalismo elementos que escapam de uma lógica meramente objetiva e aproximam a prática jornalística de um gesto de comunicação.” (PERES, 2017, p. 1).

No seu estudo, Peres cita com base na literatura do testemunho, e neste caso, acrescento exemplificando este testemunho do jornalismo que executei ouvindo as pessoas, buscando como a essência do jornalista, que é o saber ouvir, “é o despir de si mesmo e vestir-se do outro” como escreve também a jornalista e escritora Eliane Brum. Trago no livro audições de colegas trabalhadores que tem opinião, mas um valor cultural de necessidade de trabalho, que é fornecido pela empresa, a mesma que é criminosa, emprega. A cultura do brasileiro, a necessidade de desenvolvimento da interpretação comunicacional se faz presente. Justificando ainda mais esse trabalho de esclarecimento. Os trabalhadores historicamente se concentram nos sindicatos, clubes, bares, nas ruas da cidade. Ouvi os trabalhadores nesses lugares. Nomes existem, mas serão colocados em segundo plano no livro, para preservar o direito ao emprego de muitos. Considero a narrativa oral, base do jornalismo, uma dádiva que ao longo do tempo instaurou-se em mim, mesmo antes dessa possibilidade concretizar. É um prazer ouvir as pessoas para mim, todas. Não distingo aparência, nem palavreado, ou linguagem, a

comunicação é a base da socialização, a uma sociedade é um grupo comunicando-se. Ouvir para o jornalista é fundamental.

“O profissional da área, ao estabelecer uma relação dialógica entre entrevistador e entrevistado, ao diversificar as fontes no processo de captação, ao utilizar como recurso metodológico a História Oral, mesmo que utilize esses recursos em momentos específicos, pode contribuir para uma visão mais polissêmica do real. Esta preocupação é relevante na medida em que os meios de comunicação, em especial os meios impressos, tornam-se também importantes fontes de pesquisas para as gerações futuras.” (Maia, 2006, pág. 1)

Estimulante e motivador neste sexto período descobrir esta literatura da professora Doutora Marta Maia elucidou meus conceitos pessoais englobando a minha prática de ouvir a conceitos da comunicação.

“A opção por um método que justamente tem na escuta um de seus principais referenciais pode alavancar uma reportagem no sentido de expressar outras versões sobre um fato que pode ter sido noticiado de maneira bipolar, com a utilização convencional de dois lados de um mesmo acontecimento, sem espaço para outras visões. Ao levar em consideração outros depoimentos, o jornalista pode, inclusive, abrir caminho para outros campos de investigação até então desconsiderados no processo da produção jornalística.” (Maia, 2006, pág. 6)

Além disso, considerando o meu testemunho, é válida mais uma colocação, executada por mim durante dois anos de aproximação com os sujeitos trabalhadores na mineração que corrobora com este trabalho específico de livro-reportagem, ouvi muitos colegas de profissão, identificados, mas por convenção e proteção de suas identidades não terão os nomes divulgados, mas os textos são claros com o que disseram. “Testemunha também seria “aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (PERES, apud GAGNEBIN 2006, p.57). Ouvi muitos trabalhadores em tempos diferentes, espaços próprios de desabafo, conversas inteligentes e realistas de quem trabalha e conhece o ambiente de mineração.

Busquei usar a pluralidade de vozes, singularizando os vários sentidos gerados por várias notícias, informações únicas de cada atingido, todos trabalhadores. Estabelecendo e praticando então neste trabalho os conceitos jornalísticos de comunicação social.

“São essas perspectivas que dão o recorte, indicam a especificidade. Não importa o quão abundantes, espalhadas e permeadas em outras atividades sejam determinadas práticas que chamamos “comunicativas”. A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa.” (França, 2002, pág. 5)

Trabalho é a maior característica dos brasileiros, na vida “real”. Nós todos latino-americanos dessa maior nação do continente, buscamos construir nossas vidas trabalhando,

sempre desde índios que nós fomos no passado, colonizados na primeira versão da globalização, comparamos ao que hoje vemos na internet, literalmente a internet da carne foi o que a escravização e colonização significaram, estamos miscigenados, continuamos e queremos evoluir. O que dignifica o ser humano é o trabalho sempre ouvi isso, a liberdade e o respeito na concepção da sociedade também estão atrelados ao trabalho no Brasil, na condição social de ser sujeito, ser alguém, só trabalhando para isso representar um homem ou uma mulher na sociedade.

Memória existe e assim como a saudade, ou contrário a ela, penso se memória é antônimo de saudade, mas várias definições podem conceituar essa palavra que jogada no papel não significa nada, precisa existir um “sujeito” para a memória. No caso dos sofrimentos humanos a memória é um carrasco infinito, tipo uma ferida que não cicatriza, nas tragédias seria a melhor definição. Alegrias da vida são lembranças, essas sim são boas e convivem conosco. Temos saudade das lembranças, das memórias não. A memória é preciso buscar e rebuscar detalhes que tentamos esquecer eternamente, e agora cavo no fundo da minha. Queria ser jornalista e escrever um livro reportagem desde o início quando voltei para Mariana, dia quatro de novembro de dois mil e quinze, queria ser jornalista e escrever um livro, (arrepios... lágrima que não cai...).

Ser poeta sim era meu destino (sim meu sonho, sem saber o que era claro, o quanto querer ser não é poder, e ainda sonho os sonhos de criança...), escrever viagens que nunca eu fiz, navegar em ondas e mergulhar no mar lúdico. Outrora caí numa piscina (sociedade), com os olhos rasgados por uma navalha... Agora vendo melhor esse mundo embaçado tento conceituar algo que nem sei se me enquadro, me encaixo em tudo, não me acho plenamente em nada. Sujeito o que é isso? Memória emagrece ao mesmo tempo em que fortalece, sem “logar” no físico do ser humano, mas no ego espiritual. Queria mesmo é ser poeta, escrever coisas que ninguém imagina. Assim sem aspas sempre, só minhas ideias: Era uma vez uma casa com várias janelas. Sempre que a noite vinha e o calor aumentava no quarto elas se abriam, ou alguém as abria. Eram muitas janelas com elas a dificuldade em fechá-las todos os dias. E tão distantes umas das outras cada janela exigiam incontáveis passos em sua direção. Isso dava a elas e uma peculiaridade importante com relação às portas da casa, aos outros madeirames estruturais nem se comparam. Dentro destas janelas várias histórias se passaram. Tempos se encontraram em enquadramentos diferentes. Os batentes se arquearam, trincaram. As dobradiças se trocaram, se tocaram, se enferrujaram. Parafusos se fartaram de ranger nas dobradiças. Ou se acabaram nos armazéns. Caíram ou foram jogados no rio para algum dia voltar a ser minério de ferro, como

o oxidado sangue nas veias como as águas percorrendo a terra. Talvez todo minério de ferro que exista hoje no mundo seja resquício de uma civilização extinta, onde todos os muros eram de ferro e oxidaram, se acabaram por algum motivo que sequer imaginamos qual seja. Os tijolos das casas conseguiram sobreviver. Alguns viraram azulejos. Também pode ser que a maioria das coisas que existe hoje já existia antes em algum lugar do passado. Daí o mundo acabou, sob as cinzas proliferou o petróleo, o minério. Da extinção hoje estamos com a memória. Para que a memória aconteça é necessário que ela esteja presente. Mas o presente só existe nas pessoas que estão vivas hoje em dia, que é óbvio na natureza. A extinção jamais deixaria uma memória, preservarmos memórias é garantir que não sejamos extintos.

Sou trabalhador, atualmente no Brasil é uma palavra polêmica. Queria saber o porquê esses indivíduos trabalhadores são extirpados, na nossa sentença após a instauração da República e após a constituição mais atual. Por exemplo, estamos sem um Ministro do Trabalho atualmente no país, e do Rio de Janeiro, uma deputada Federal do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), uma política filha de um político que já foi preso por corrupção, Cristiane Brasil “ex-indicada” como ministra do trabalho, impugnada por constar contra ela processos trabalhistas, filha de Roberto Jeferson do PTB, sem entrar em detalhes, é um absurdo, um despeito, ou seria uma estratégia do desgoverno atual do país, aliado das empresas, com um BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) que financia empresas cujos empresários são políticos deputados, senadores e todos os níveis. O BNDES empresta dinheiro a juros, o desgoverno absolve as dívidas, deveria ser muito esclarecido questões como estas. Principalmente quando estamos diante de um crime promovido por empresas de mineração nestas condições, que são constituídas por trabalhadores, os primeiros, mineiros. Não só mineiros que nasceram em Minas Gerais, Um dos estados “mãe desse país”, mas mineiros do minério, das minas, do “eiro”, do mineiro. Assim a questão do trabalho é complexa, como é no mundo, há séculos. A “desindicada” do governo, desempossada felizmente foi impedida pela justiça de assumir cargo.

Entrevistando o promotor de Mariana Guilherme Sá Meneghin, em seu gabinete, para o TCC, ele falou sobre os treze mortos terceirizados que perderam a vida no crime da empresa, além de um que era trabalhador da Samarco, cujo corpo ainda não foi encontrado. Cabe à justiça do trabalho responder por eles.

Passa o TCC então pela análise de Buther sobre o valor de uma vida, no caso, os trabalhadores, moradores locais e do Bento Rodrigues, de Mariana, das cidades localizadas abaixo às margens de todo o longo Rio Doce, seres vulneráveis. Qual o valor de suas vidas é

perguntado no livro Marcos de Guerra, (pág. 15) Aprendendo uma Vida citando apontamentos de Hegel e Klein "a apreensão da precariedade leva a um empoderamento da violência, a uma percepção da vulnerabilidade física de certo grupo de pessoas que provoca ou deseja destruí-las" ("la aprehensión de la precariedad conduz a una potenciación de la violencia, a una percepción de la vulnerabilidad física de cierto conjunto de personas que provoque o deseo de destruirlas."). E concordo com mais outra posição da autora que contribui para este trabalho, do livro Mecanismos Psíquicos do Poder, (pág. 13). Em todos os casos (nota: citando Nietzsche A Genealogia da Moral onde passa pelo processo pelo qual a repressão e a moral que volta para si mesma; Freud e Foucault – o poder forma todo o sujeito; "describe el acercamiento a la libertad por parte del esclavo y sua decepcionante caída en la "consciencia desventurada". El amo, quien a principio parece ser "externo" al esclavo, reemerge como la propia consciencia de éste." La desventura de la consciencia emerge es su propia censura, el efecto de la transmutación del amo en realidad psíquica."("descreve a abordagem da liberdade pelo escravo e sua queda decepcionante na" consciência infeliz ". O mestre, que parece ser" externo "ao escravo, reaparece como sua própria consciência. A desgraça da consciência emerge é a própria censura, o efeito da transmutação do mestre na realidade psíquica ".)

Quando já estive no alto de algumas serras, trabalhando, deitava-me no chão e olhava para o céu; era deserto, e só via a luz das estrelas e da escuridão. Percebia o surgir dos raios de sol, e podia me sentir, girando com a terra em direção à luz do sol... em locais extremamente escuros é possível sentir a terra girando...

Penso hoje sobre o que estou fazendo aqui se isso é uma necessidade, se este livro reportagem tem que existir. Acredito que estou aqui porque não é para estar na mineração trabalhando. É então um dever, eu escrever este livro, muitos perguntam se estou querendo mandar algum colega trabalhador para a cadeia. Outros questionam se estou defendendo a empresa. Defendo os trabalhadores e suas vulnerabilidades sociais.

Nessa parte da reportagem como trabalho final, procurei descrever comunicando os detalhes técnicos envolvidos como a denúncia, o local, as implicações do acidente com as fontes originais fornecidas pelos órgãos responsáveis, o Ministério Público (MP), Superintendência Regional do Trabalho (SRT). Detalhando fatos consideráveis para um fácil entendimento de todo o acontecimento no que diz respeito a como atingiu os trabalhadores. Especificamente a intenção foi esclarecer os fatos no entorno das pessoas, dos sujeitos envolvidos. Como os fatos englobam determinados grupos de trabalhadores, dentro de uma determinada hierarquia de comunicação, de visibilidade, de responsabilidade, diversos fatores determinam características

em cada um, como cada um insere-se no grupo, e como os comportamentos das pessoas transpassam fatores comunicacionais para se consolidarem. Ao mesmo tempo que a voz de muitos é silenciada e oprimida por uma “voz” maior que denota à uma razão consolidada, é notável uma institucionalização da “razão” pública que por discurso dinâmico e proeminente dos dirigentes institucionais (prefeito, vereadores, empresa, empresariado), geralmente donos dos meios de produção e da mão de obra local, impuseram à cidades, à sociedade, às vítimas do Bento, Barra Longa, Paracatu, todos os municípios atingidos, e concluo que os trabalhadores (que são os chamados de “chão de fábrica”) Que não são donos de nada, vendem horas com orgulho, e sem desmerecimento por que me incluo). As informações no primeiro capítulo são para de uma forma diferente da mídia tradicional, acrescentando mais dados e levando luz aos fatos importantes para dar exemplos dos contextos burocráticos que estão submetidos os trabalhadores.

O Seminário de Mineração e Meio Ambiente que participei em Mariana, novembro de 2017, foi uma oportunidade importantíssima de ver alguns posicionamentos que existiam e que me colocavam dúvidas de como abordar no texto sem ter embasamento científico adequado, e comunicacional também, no que diz respeito a fontes oficiais, bases do jornalismo. Por isso foi importante ouvir Doutora Tatiana Ribeiro professora de Direito Internacional da UFOP dizendo que “o município não tem que ter vocação para mineração”, contrapondo-se ao prefeito Duarte Júnior; Carlos Luiz Varela, promotor do Ministério Público de Minas Gerais, “falando que o problema está no dinheiro às favas do diabo”; o Doutor Antônio Philomena que “os índios não estão aqui” (seminário sem a presença dos índios). Léis Braga, Prefeito de Santa Bárbara, pedindo união com Duarte Júnior, prefeito de Mariana. Todo o Seminário foi importante para compor o arquivo técnico documental de comprovação dos envolvidos nos fatos, contados no livro de ensaios jornalísticos por mim desenvolvido. Consegui entrevistar o José Luiz Amarante Júnior, Diretor da Secretaria Geologia, Mineração e transformação Mineral. Na minha visão, o representante do Governo Federal, como um especialista de mineração para debater o assunto que disse para mim “a escravidão nunca existiu” e isso foi uma emoção decepcionante, por ele confirmar (contrário à minha opinião, mas muitos têm essa opinião escondida; ele falou em nome do Governo, para mim) essa opinião estúpida que muitos ainda insistem em determinar principalmente a elite, os patrões, donos do poder. Mas destacou um fato importante que ele protagonizou, quando diretor da então Companhia Vale do Rio Doce (CVRD, hoje VALE). Disse que quando a companhia iniciou as operações em Mariana na Mina de Timbopeba, ele era o gerente, vindo da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), mais da metade dos trabalhadores não tinham o primeiro grau.

Referindo-se ao capítulo do livro, a intenção foi reportar a voz de muitos trabalhadores ouvidos durante esses dois anos pós-tragédia em Mariana.

Ouvi trabalhadores em locais mais diversos da idade depoimentos foram colhidos, a maioria espontaneamente, conversas com amigos, que por várias questões preferem não expor, a principal delas é o silêncio forçado das maiorias. Silêncio nas organizações, uma revisão e discussão da literatura é um trabalho de mestrado de Marcos Júnior de Moura-Paula da UFMG e ele relaciona o silêncio nas organizações da forma como pretendo destacar na reportagem pelos fatos ouvidos por mim como repórter.

O silêncio nas organizações é aqui compreendido com um estado no qual os empregados abstêm-se de chamar a atenção para questões no trabalho de cunho econômico (como as ineficiências operacionais), social (como as diferentes formas de assédio), moral (como a discriminação) ou legal (como a corrupção). É uma definição ampla, mas que ajuda a visualizar que o silêncio nas organizações ocorre em diferentes situações, cada uma das quais requerendo um arcabouço teórico que permita sua compreensão (Knoll & Van Dick, 2013). Os pesquisadores têm buscado, então, compreender o que leva os empregados a ficar ou não em silêncio nas organizações e quais são os impactos desse silêncio para o desempenho organizacional, para os empregados e para a sociedade em geral. (Moura-Paula, 2014)

Contudo no âmbito do jornalismo essa informação influencia na exposição de um contexto maior que envolve a divulgação midiática que predomina. Claramente dominada pelas empresas a espiral do silêncio adentrou toda a classe trabalhadora da cidade, especificamente no caso dos trabalhadores da mineração, mais ainda da barragem de Fundão. Daí se deve a construção deste trabalho próximo da realidade destas pessoas que estão sem voz ainda. Aguardando o retorno da empresa para que o ciclo de trabalho e morte siga.

Essa parte da reportagem “A Mídia” coloca em evidência a representação dos trabalhadores constituidores da barragem pelas empresas. Socialmente poucas demonstrações de suas personalidades destacam-se, apenas vultos. Vemos vultos sociais de pessoas em uniformes em empresas diariamente pelas ruas. São trabalhadores todos, muitos em muitos anos foram e vão ainda trabalhar na barragem. Quando vemos através do código visual uma pessoa de uniforme andando pelas ruas e olhamos para sua marca (trabalho), a razão social que ele representa. Essa razão social pode estar tanto configurada na imagem que um rótulo emblemático gravado no pano evidente aos olhos. De um lado onde uma sigla diz o que é e o que fazem sua organização social, quem são as pessoas que trabalham nessa empresa, “sociedade anônima”, enfim uma razão social imposta pelo que as representações midiáticas construídas por essa marca são emitidas por elas mesmas, sejam quais forem, e pagam para informar massivamente como se comportam. De outro lado a análise feita por qualquer outro cidadão que vê, enxerga suas opiniões construídas no momento que teve uma informação sobre

o caso. Todos os cidadãos, quando viram uma primeira imagem na televisão, rede social, outros meios de comunicação como jornal impresso, possivelmente não foi no momento instantâneo como muitos além de mim. Novas concepções sobre o rompimento são criadas sobre o rompimento da barragem se expande nas mentes informadas sobre as realidades de quem viveu. A realidade de quem vê e analisa um rótulo de uma ou muitas empresas que deixaram de existir, desempregando muitos trabalhadores. Ou quantas tantas nunca existiram porque não possuímos formas alternativas de geração de renda para a população das cidades mineradoras, de mineiros. Demais cidades abaixo do Rio Doce, através dos empresários, ou socialmente a reinventar novas formas de sobrevivência, podendo desenvolver novas empresas. Vendo a atual tramitação dos processos envolvendo os crimes cometidos pelas empresas razões sociais, a sociedade que controla por aclamação, o poder público que rege a comunicação, os governos que inertes abandonam suas funções de fiscalização e organização. Muitos ao olharem os uniformes veem pessoas, sujeito, de muitas informações de como nos moldamos socialmente.

Nas teorias do jornalismo de Nelson Traquina o autor fala que “os próprios conceitos de noticiabilidade, quererem aos jornalistas pressuporem o que é normal na sociedade”. Citando Glitin, “os próprios processos de enquadramento são influenciados pelas pressuposições tradicionais do jornalismo: 1) as notícias promovem acontecimentos e não as condições que produzem os acontecimentos; 2) as notícias privilegiam as pessoas e não o grupo; 3) as notícias destacam o conflito e não o consenso; 4) as notícias privilegiam o fato que ‘alimenta’ a estória e não o fato que a explica”. (Nelson Traquina, Teorias do Jornalismo, pág. 198). Destaco que nestes exemplos está inserida a contextualização que demonstro neste livro de ensaios, sobre a invisibilidade dos trabalhadores no contexto midiático, após a tragédia que passaram e passam ainda. As notícias em torno do acidente no que envolve os trabalhadores são nulas praticamente, apenas promoveram o rompimento. Poucas explicações sobre a construção da barragem. Sequer fatores sobre falta de fiscalização ficaram invisíveis, aquém da imagem que a Samarco quis demonstrar para a sociedade. O CREA (Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura), assim como o DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral) que atualmente é ANM (Agência Nacional de Mineração), foram cúmplices na administração de funções regidas por regras e leis, como os políticos financiados pelas contribuições das empresas, foram omissos e esconderam-se na mídia. Não falaram nada a não ser refender-se atrás de um número ineficaz de fiscais. Colocaram a responsabilidade de ações que poderiam ter evitado o acidente em burocracias que a própria irresponsabilidade construiu.

Traquina cita ainda Gaye Tuchman, “salienta que a noticiabilidade, como produto de múltiplas negociações, legitima o “status quo.” Para Tuchman, os grupos sociais que atuam fora do consenso são vistos como marginais e sua marginalidade é tanto maior quanto mais se afastarem do social legitimado, através da afirmação e da demonstração de atos de violência”. Compreendendo assim as teorias interacionistas e estruturalistas que constroem o jornalismo, entra em consonância a parte do estudo de Butler que diz onde e quando, se isso é possível no que envolve o desastre da mineração em Mariana, “novas normas de reconhecimento são possíveis no cenário social e comunicacional”, já relacionado como no caso dos trabalhadores, considerando as normas existentes. A comoção social pouco existe nos sujeitos atingidos que cause indignação nos outros membros da sociedade. Ressaltado a palavra da Dr^a. Tatiana Ribeiro da UFOP, durante o Seminário de Mineração e Meio Ambiente, esse fato, que culminou nessa tragédia para muitos “não causa a comoção que deveria causar, porque não são pessoas consideradas de um alto nível social, econômico, político, as que foram os principais atingidos por esse desastre”. Acrescento que menos comoção ainda, se é possível, a sociedade demonstra aos trabalhadores, especialmente aos direitos dos trabalhadores. Atualmente estes têm que construir outra barragem por cima da que se rompeu. O mesmo trabalho que condicionado, dirige e trava a vida de muitos empregados num enquadramento impositivo, uma cangalha invisível, pesada, de muitas piscinas sociais que diuturnamente vão enchendo a barragem. Uma construção de sonhos de uma sociedade pode transformar o modo de vida, proporcionando sentidos de bem-estar caracterizados pelo acúmulo de bens materiais que podem adquirir pela ilusão do bom salário.

O problema principal a ser analisado, que justifica esse livro de ensaios, é o caso social de ignorar (no sentido de ignorá-los, abandonar “deixar pra lá”) os trabalhadores vitimados (fazendo uma análise em separado, mas considerando todos os moradores atingidos também trabalhadores, óbvio), milhares que estão à mercê das empresas. Outra análise recai sobre a comunicação social dada em torno dos trabalhadores atingidos, proibidos pelas empresas sequer de falar em público sobre qualquer fato ou ação da empresa. A mídia sequer analisou uma visão do trabalho na mineração, como se deu a morte de muitos homens e mulheres durante o trabalho, de forma trágica e sem condição de defesa. Juntando questões como essas advém a posição de poder considerada por Nelson Traquina. Um poder invisível que é criado nas massas através de imposições de ideias consideradas válidas. Nesse caso ideias alimentadas pela própria empresa criadora do caos, devida as várias omissões descritas na Denúncia Final, descrevendo a culpabilidade da empresa no acidente de ruptura. Os trabalhadores então, atingidos que foram, alguns pagando com suas vidas, nos meses seguintes receberam

demissões, corte de salários, falta de expectativas, dúvidas para seu futuro e de suas famílias, condições que levam a aflições psicológicas. Envolvendo até pressão da empresa para poderem conseguir uma volta mais rápida das operações. Cenário de transtorno social completando todo o caos que passam os atingidos de uma forma geral. Sociedade e trabalhadores dependendo de oferta de emprego de uma empresa que está provado em vários âmbitos socioambiental, político, econômico, entre outros na vida das pessoas, não cumpre o que aplica no papel. Os parâmetros operacionais de segurança não foram seguidos pelo que consta, e definitivamente causou o crime. Empresa que luta como pode em todas as instâncias da jurisprudência brasileira não pagar por seu crime. Quer fazer acordos como os que parece ser uma prática em todos os níveis empresariais do país, com políticos, com o poder público, com os governantes.

A comunicação é construída conforme o poder do mais forte e de maior capital financeiro. Atualmente vejo muitas manchetes de jornais em vários meios, dizendo “o desastre de Mariana”, ao invés de “o desastre da Samarco”. Solidariedade demais da cidade com a empresa que causou tanta desgraça isso sim. Verdades incomodam muitas pessoas que cresceram acomodados, ganhando dinheiro fácil ou não tendo que fazer nada para ganhar, pessoas inconsequentes sempre e ainda continuarão defender ações de iníquos empresários. A falta de segurança em todo o projeto da barragem não foi produzida por quem dirigia um caminhão e morreu, nem pelo topógrafo, ou o sinaleiro, os motoristas de pipas. A desconstrução da barragem foi conseguida com muito êxito considerando todas as falhas operacionais realizadas pelos responsáveis técnicos, diretores e gerentes que deveriam zelar por vidas de trabalhadores foram omissos, responsáveis.

A metodologia usada para construção da matéria foi uma questão interessante levantada pela professora Tamires durante a matéria Metodologia e Pesquisa durante o quarto período do curso. Eu já tinha a ideia do que produzir para o TCC, praticava anotações de tudo que ouvia, escrevia o que queria desenvolver entorno dos trabalhadores envolvidos no desastre. Na aula promovida pela professora Denise Lopes, pude expor e debater sobre o que podia levantar como questões para perguntar aos trabalhadores e se o meu trabalho seria válido como jornalismo, como enquadrar dentro das teorias e outras dúvidas. Por isso foi muito importante para mim todo o processo de aprendizagem no decorrer do curso no Icsa.

A disciplina Crítica de Mídia com a professora Karine possibilitou para mim melhor abertura em termos de referências para pesquisa e formas de analisar textos ampliando a capacidade que me levou a estabelecer este projeto de trabalho como possível. A disciplina Pesquisa em Comunicação que estudei com a Michele Tavares deixou óbvia a necessidade de

uma boa estruturação referencial para o meu trabalho. Abriu portas da minha percepção para conseguir tentar realizar uma ótima pesquisa de dados e fontes para variar as formas de entendimento sobre um mesmo assunto também. Escrevo isto para valorizar o conhecimento adquirido durante o percurso e salientar que toda metodologia estava presente nos meus diálogos quase que diários como minhas fontes constituintes de vozes.

Por fim, o texto da professora Marta Maia que aplicou os testemunhos das vozes no importante papel definidor de jornalista. Saber ouvir é para mim um prazer enorme, sempre foi. Ouço rádio desde meus primeiros anos de idade, acho que me recordo a partir dos seis anos ou oito, ouvia jogo com meu pai pela Itatiaia. Uma rádio chamada Atalaia também preenchia as manhãs todos os dias, enquanto Nilza, uma amiga ex-secretária do lar da família, fazia o almoço para umas dez pessoas. Gosto de ouvir histórias de pessoas e trago isso compartilhando vidas com todos em qualquer lugar em qualquer momento de forma igualitária, não distingo pessoas jamais pela aparência. Valorizo o modo de pensar, sentir, daí falar e ouvir é um espelho de duplo lado que nos faz ver através deles, os sentidos, que para eu saber sentir uma pessoa é também um Sentido, além dos citados. Para mim, saber sentir o outro é um Sentido espiritual natural comum a todos nós.

REFERÊNCIAS

- A DIVISÃO DO TRABALHO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS TEORIAS DE KARL MARX E EMILE DÜRKHEIM, Profa. Érika de Cássia Oliveira Caetano*
- BEZELGA, Francfort Marcela. O livro-reportagem como trabalho de conclusão do curso de jornalismo. Trabalho apresentado no GP Produção Laboratorial – Impressos, do 6º Encontro Paulista de Professores de Jornalismo, realizado na ESPM-SP, em 26 e 27 de abril de 2013.
- BUTLER, JUDITH. Vida precária in Quadros de Guerra. Quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira 2016. 2ª Edição.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). Vitrine e Vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo. Jornalismo e informação para democracia: parâmetros de crítica de mídia por Danilo Rothberg. Covilhã, UBI, LabCom, Livros 2010.
- DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. Émile Durkheim: tradução Eduardo Brandão. – 2 Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Coleção Tópicos)
- FRANÇA, Vera, Paradigmas da Comunicação: Conhecer o quê? Paradigmas do enquadramento. Atribuir qualidade às informações das fontes.
- LAGE, Leandro R. O testemunho do sofrimento como problema para as narrativas jornalísticas. In: Revista Contracampo, v. 27, n. 2, ed. ago-nov, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Págs.: 71-88.
- LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: UNICAMP, 1995.
- MACHIAVELLI, Niccolò. O Príncipe. Edição Eletrônica. Ed. Ridendo Castigat Mores. (www.jahr.org).
- MAX WEBER, Conceitos Sociológicos Fundamentais. Tradutor Arthur Morão. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2010. LusoSofia: Press, Textos Clássicos de Filosofia.
- Moura-Paula e Ferraz (2013) Silêncio organizacional – análise e crítica.
- NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. A Espiral do Silêncio: Opinião Pública - nosso tecido social. Estudos Nacionais, 2017.
- PERES, Ana Cláudia - A LACUNA: o esforço de verdade no testemunho e no jornalismo. Grupo de Trabalho Estudos de Jornalismo do XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Casper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017.
- PRADO JR., Caio. Formação do Brasil Contemporâneo: colônia / Caio Prado Jr.; entrevista Fernando Novais; posfácio Bernardo Ricupero. — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 2010;
- SARLO, Beatriz. Tempo passado – cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: Revista de Psicologia Clínica, Vol. 20, nº 1, Rio de Janeiro, páginas: 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. In: Revista Tempo e Argumento. Florianópolis, Volume 2, nº 1, páginas: 3-20, 2010.

VASCONCELLOS, Diogo de. História da Civilização Mineira. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1927.

VASSALLO, Maria Immacolata. Pesquisa de Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. Os trabalhadores podem falar sobre a tragédia e não foram ouvidos.

[Responsabilidade socioambiental - Jus.com.br | Jus Navigandi](#). Acessado em 07/04/2021.

APÊNDICE

Fragmentos de documentos e de textos consultados

1 - IPL n.º 1843/2015 SRPF/MG; Autos n.º 38.65.2016.4.01.3822 (Busca e apreensão); Autos n.º 3078-89.2015.4.01.3822 (Medida Cautelar); IPL Polícia Civil - MG 1271-34-2016.4.01.3822; IPL Polícia Civil - MG 1250-24.2016.4.01.3822; Procedimento Investigatório Criminal (PIC) - MPF n.º 1.22.000.003490/2015-78; Procedimento Investigatório Criminal (PIC) MPF n.º 1.22.000.000003/2016-04.

2 - Imputação e individualização das condutas, justa causa e classificação jurídica - Denúncia Compilada Final, página 210 à 264, item 5. Pedidos e Requerimentos Finais, página 264 à 272, item 6.

3 - Dissertação de Rodrigo Machado da Silva 2013: “Para Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcellos (Mariana 1843-1927), conhecido como Diogo de Vasconcellos, pioneiro da escrita da história erudita e sintética de Minas Gerais, este estado era o berço da civilização brasileira e a história da nação deveria ser iniciada “ali”. Era presente aqui em Mariana e Ouro Preto a concepção de civilização que segue o princípio de evolução dos homens e das sociedades. Aqui houve a criação e desenvolvimento da produtividade fundiária e do comércio, ideia de civilização avançada adotada por Vasconcellos, como proposto por Pin der Boer. Esse conceito de civilização usado no século XIX era dotado de um valor político forte. Uma das grandes marcas da narrativa de Diogo de Vasconcellos é mostrar a tensão que havia nas Minas Gerais durante o processo de formação da capitania no início do século XVIII. O indivíduo é quem assume a ação da história e não as grandes estruturas. A relação entre paulistas e emboabas, das famílias fundadoras, dos governantes e o povo ilustram essa característica. Os personagens históricos mobilizados por Vasconcellos são os responsáveis pela construção da história mineira. A emancipação intelectual era ela mesma constituinte da identidade e direcionava para a civilização. Para Vasconcellos, os homens como figuras centrais para a construção da história deveriam encabeçar o movimento de caracterizar Minas Gerais como o local onde se primeiro constitui a ideia de civilização no Brasil. Foi através do espaço e da cultura mineradora do século XVIII que se possibilitou que o Brasil integrasse o mundo Ocidental. Para o Brasil se ajustar entre os civilizados havia a necessidade de aproximação com a Europa, mas sempre buscando sua autenticidade. Diogo de Vasconcellos defendia que o homem é o mesmo em toda parte e o seu “instinto de perfectibilidade” é geral, e a questão racial e climática não podem ser os únicos elementos dominantes para qualificar o desenvolvimento da civilização. Expondo assim seu contra-argumento em relação às ideias de Montesquieu em “O espírito das leis”.” (Silva, 2013, pág. 110)

Andando pela cidade vemos diferenças derivadas da hibridez social das raças. Mas em Mariana e Ouro Preto na maioria somos todos negros, somos “neguinhos e neguinhas” (conforme Adorno e Horkheimer, “neguinho” se encaixa na população descrita como “uma população engajada nas tarefas necessárias à manutenção do sistema econômico e social através do consumo estético massificados, articulado pela indústria cultural”).

4 - As mudanças trazidas pela escrita de antropólogos produziram um retrato tão mais fiel dos costumes, do governo e da economia Tupi-Guarani que nem vale muito a pena repassar o senso comum remanescente desses séculos ou – pior – daquilo que se ensinou e se ensina até hoje sobre os nativos brasileiros em escolas secundárias e em cursos universitários de história. O sumaríssimo resumo dos costumes permitido pelas novas técnicas leva a outro retrato: nos primeiros séculos do milênio passado, a combinação de organização em pequenos núcleos com relações de aliança, domínio da tecnologia agrícola, formação de excedentes e administração

temporária em guerras e rituais permitiu que os grupos Tupi-Guarani dominassem um território cada vez maior no interior do continente. A maior parte das terras férteis estava sob seu controle. Cada unidade se governava a si mesma, pelo costume. Todas as unidades expandiam o costume comum, fazendo pressão sobre mais de uma centena e meia de povos com outros costumes, muito diversos daqueles dos Tupi-Guarani. Podiam produzir e acumular riquezas com facilidade – caso fosse necessário. Nesse momento de sua evolução receberam inesperados visitantes. (Caldeira, 2017, pág. 30)

5 - “O conceito “racismo ambiental” se refere a qualquer política, prática ou diretiva que afete ou prejudique, de formas diferentes, voluntária ou involuntariamente, a pessoas, grupos ou comunidades por motivos de raça ou cor. Esta ideia se associa com políticas públicas e práticas industriais encaminhadas a favorecer as empresas impondo altos custos às pessoas de cor. As instituições governamentais, jurídicas, econômicas, políticas e militares reforçam o racismo ambiental e influem na utilização local da terra, na aplicação de normas ambientais no estabelecimento de instalações industriais e, de forma particular, os lugares onde moram, trabalham e têm o seu lazer as pessoas de cor. O racismo ambiental está muito arraigado sendo muito difícil de erradicar.” Wanderley cita Bullard, Robert. Revista Eco 21, ano XV, Nº 98, janeiro/2005.

Do mesmo texto acrescento que “Este conceito institucionaliza a aplicação desigual da legislação; explora a saúde humana para obter benefícios; impõe a exigência da prova às “vítimas” em lugar de às empresas poluentes; legitima a exposição humana a produtos químicos nocivos, agrotóxicos e substâncias perigosas; favorece o desenvolvimento de tecnologias “perigosas”; explora a vulnerabilidade das comunidades que são privadas de seus direitos econômicos e políticos; subvenciona a destruição ecológica; cria uma indústria especializada na avaliação de riscos ambientais; atrasa as ações de eliminação de resíduos e não desenvolve processos precautórios contra a poluição como estratégia principal e predominante. A tomada de decisões ambientais e o planejamento do uso da terra em nível local acontecem dentro de interesses científicos, econômicos, políticos e especiais, de tal forma que expõem às comunidades de cor a uma situação perigosa. Isto é particularmente verdade no Hemisfério Sul e, também, no Sul dos EUA, região que foi convertida numa “área de sacrifício”; um buraco negro para os resíduos tóxicos. Fora disso, ela está impregnada pelo legado da escravidão e pela resistência braça à justiça equitativa para todos”.

6 - Geógrafo, Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGG/UFRJ), Wanderley destaca que “Este texto apresenta resultados preliminares e elementos metodológicos do levantamento de dados secundários que estão sendo analisados e aprofundados no dossiê coletivo em desenvolvimento pelo Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS). Nos dados apresentados a seguir constata-se indícios de racismo ambiental na tragédia causada pelo rompimento da barragem de rejeito de Fundão da Samarco Mineração, no município de Mariana, Minas Gerais, no dia 5 de novembro de 2015. As principais comunidades atingidas pela lama eram predominantemente compostas por negros (pardos e pretos segundo definição do Instituto Brasileiros de Geografia e Estatística - IBGE). Desde o início da cobertura da mídia sobre a tragédia de Mariana (na televisão, nos jornais e, principalmente, na internet) saltaram aos olhos dos espectadores mais atentos um padrão de cor da pele no grupo de atingidos entrevistados e fotografados. A predominância de negros diretamente atingidos pela massa de lama oriunda da barragem, pelo menos aparentemente, parecia uma pista importante a ser considerada sobre a característica das comunidades soterradas ao longo do curso dos rios Gualaxo do Norte e do Carmo e sobre a possibilidade de um debate mais consistente em torno da noção de racismo ambiental. Essa noção contradiz o argumento de que os desastres socioambientais, e o de Mariana-MG especificamente (resultante da negligência da companhia mineradora), são igualmente

distribuídos afetando do mesmo modo as diferentes raças e classes de renda. Todavia, o que se constata é que uma carga desproporcional dos riscos e dos impactos sociais ambientais recai sobre os grupos étnicos mais vulneráveis.”

7 - Vale ressaltar que há na justiça processos que nunca se encerram sobre o pagamento ou não por parte das empresas sobre horas que dizem respeito ao tempo em trânsito.

8 - Trecho transcrito do Relatório de análise de acidente – Rompimento da barragem de Fundão. MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO TRABALHO E EMPREGO EM MG - SEÇÃO DE SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO - SEGUR 2006.

9 - “Espiral do silêncio é uma teoria da ciência política e comunicação de massa proposta em 1977 pela cientista alemã Elisabeth Noelle-Neumann. Neste modelo de opinião pública, a ideia central é que os indivíduos omitem sua opinião quando conflitantes com a opinião dominante devido ao medo do isolamento, da crítica, ou da zombaria. Os agentes sociais analisam o ambiente ao seu redor, e ao identificar que pertencem à minoria, preferem se resguardar para evitar impasses. Esse comportamento gera uma tendência progressiva ao silêncio denominado espiral, visto que ao não expor essa ideia, o indivíduo automaticamente compactua com a maioria, assim, outras pessoas que compartilham dessa opinião também não a verbalizam. Quanto menor o grupo que assume abertamente a opinião divergente, maior o ônus social em expressá-la.”

(https://pt.wikipedia.org/wiki/Espiral_do_sil%C3%A2ncio#CITEREFLAGE1998, acesso em 09/04/2018 10:49)

10 - Matéria de Jornalismo produzida na disciplina Apuração, Redação e Entrevista: Como o Programa de Demissão Voluntária funciona:

No dia 15 de junho de 2016 a Samarco Mineração decretou o PDV (Programa de Demissão Voluntária). O PDV foi feito pela empresa e contou com o auxílio dos Sindicatos para acertar os abonos que os funcionários que aderirem irão receber. O programa pretende diminuir o quadro da empresa em 40% com 1,200 demissões no total. Os empregados que quiserem aderir ao programa possuem entre os dias 27 de junho e 29 de julho para fazer isso.

Entre os itens apresentados aos funcionários que aderirem ao programa está o pagamento de metade do salário para cada ano de trabalho, sendo que o limite é de quatro salários. O empregado ganhará um valor fixo equivalente a três remunerações, limitados a R\$7,5mil, além de Plano de Saúde por seis meses após a demissão. Não será efetuado desconto na rescisão de contrato do adiantamento de PLR (Participação nos Lucros e Resultados) e caso o empregado possua dívidas na AMS (Assistência Multidisciplinar de Saúde) será perdoado o valor que exceda 30% do valor da rescisão.

Os funcionários de níveis gerenciais, com exceção de chefes de equipe, não poderão aderir ao programa. Nestes casos em especial as demissões ficam a critério da empresa. Os funcionários que forem demitidos terão os mesmos benefícios previstos no PDV. A empresa está com suas atividades suspensas desde o dia 9 de novembro de 2015. (Por Anna Clara Quaresma, Frederico Alves, Rafaela De Queiroz e Tânia Scher, 2016)

11 - “(...) a Diretoria Executiva exercia duas atribuições de protagonismo sobre a gestão das barragens e dos rejeitos da SAMARCO, quais sejam: a) recebiam reportes diretos sobre a situação do Sistema de Rejeitos de Fundão nas reuniões de fechamento do ITRB; b) recebiam reportes e participavam do monitoramento contínuo dos riscos materiais de “falha crítica no processo de operação de barragens” e “falha crítica no processo de implementação de barragens

e pilhas de estéril”, conforme previsto no Manual de Riscos Corporativos da SAMARCO (Doc. 20)”.

Em agosto de 2012, KLEBER TERRA (disse após o desastre que a Samarco não deve desculpas a ninguém) e GERMANO conversam sobre a possibilidade do rompimento da barragem e os possíveis danos. KLEBER TERRA diz que os “acionistas querem tirar Bento de qualquer jeito”. GERMANO diz que é preciso aprofundar os estudos. KLEBER TERRA diz: “acho que a turma (acionistas) tá superestimando os danos com as estruturas atuais...”. GERMANO diz: “na minha opinião não deveríamos incluir os estudos de ruptura hipotética na documentação que subsidiará o licenciamento ambiental, a menos que sejamos obrigados por força de lei.”.

Kleber Luiz de Mendonca Terra [12:43]: acho que a turma tá superestimando os danos com as estruturas atuais...

Germano Silva Lopes [12:46]: O estudo de ruptura hipotética será necessário inclusive para subsidiar os estudos/projetos ambientais. Já conversei com o Marco Aurélio Borges sobre o assunto e na minha opinião não deveríamos incluir os estudos de ruptura hipotética na documentação que subsidiará o licenciamento ambiental, a menos que sejamos obrigados por força de lei. Vc fala das estruturas da comunidade?

Kleber Luiz de Mendonca Terra [12:49]: falo das barragens atuais em cota máxima e os possíveis danos as comunidades... acho que não chega no Bento... Chega?

Germano Silva Lopes [12:52]: Kleber, se considerarmos a ruptura hipotética da Barragem se Santarém, e chega até o Bento. Creio que no caso da futura barragem de Mirandinha, o caso será diferente, pois estamos tratando de uma barragem que tem um grande volume/massa de "areia" antes do reservatório de lama. Portanto, no caso de uma possível ruptura, o fluido não se comportará como um líquido e sim como uma pasta que não deverá ter inércia suficiente para se deslocar até muito longe, mas a comunidade de Bento está muito próxima (em torno de 1,5km em linha reta).